

A ESCOLA DA BARRA DO GUAICUÍ/MG: FUTEBOL, CELULAR E IDENTIDADES

Recebido em: 19/05/2025

Aprovado em: 10/11/2025

Licença: 

Leonardo Toledo Silva¹

Centro Universitário Arnaldo Janssen (UniArnaldo)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0009-0000-0140-1592>

RESUMO: Este texto tem como objetivo apresentar os acontecimentos ocorridos durante o campeonato de futebol e a utilização de celular na Escola Estadual Barra do Guaicuí e sua relação com a construção de identidades dos ribeirinhos. Para coleta e análise de dados utilizei a etnografia. Na investigação foi possível compreender que ali os jovens usam um estilo de vestir e conversar; escutam música; namoram; e bebem refrigerante, é um momento de se ver e ser visto, marcando suas relações de poder; estar conectado é pertencer a uma “tribo” local (sua, os chegados) e global (que tem os mesmos gostos, porém estão distantes), assistindo e compartilhando os mesmos vídeos e músicas, jogando, namorando, marcando encontros, discutindo as roupas e indumentárias da saída, zoando, trocando informações escolares...neste contexto eles criam uma rede de aproximação e produzem suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Celular. Identidades.

THE SCHOOL OF BARRA DO GUAICUÍ/MG: FOOTBALL, CELL PHONES AND IDENTITIES

ABSTRACT: This text aims to present the events that occurred during the football championship and the use of cell phones at Escola Estadual Barra do Guaicuí and their relationship with the construction of identities of riverside residents. For data collection and analysis, I used ethnography. In the investigation it was possible to understand that young people there use a style of dressing and talking; listen to music; they date; and they drink soda, it is a moment of seeing and being seen, marking their power relations; being connected means belonging to a local (yours, those close to you) and global (who have the same tastes, but are distant) “tribe”, watching and sharing the same videos and music, playing games, dating, arranging meetings, discussing clothes and outfits for going out, making fun, exchanging school information... in this context they create a network of proximity and produce their identities.

KEYWORDS: Football. Cell phone. Identities.

¹ Doutor em educação PucMinas; professor de ensino fundamental PBH; professor do curso de educação física do UniArnaldo e Universo.

Introdução

Este artigo é parte de uma tese de doutorado e tem como objetivo apresentar os acontecimentos ocorridos durante o campeonato de futebol e a utilização de celular na Escola Estadual Barra do Guaçu, no norte de Minas Gerais, e sua relação com a construção de identidades dos ribeirinhos que vivem na comunidade. Para tanto, apresento a localidade e a análise da etnografia realizada.

A Barra do Guaçu é um distrito de Várzea da Palma, distante 79Km da sua sede. Está localizado a 371km da capital mineira e entre dois grandes municípios da região norte do de Minas Gerais (Pirapora a 24Km e Montes Claros a 145Km). É margeada por dois rios, São Francisco e das Velhas. Sua população é de 1849 pessoas, com predominância negra. É grande a influência da religião católica. Os moradores vivem basicamente da pesca; do pequeno comércio que inclui serviços essenciais como posto de gasolina, mercados, depósito de material de construção, bares e lojas; pousadas de turismo de pesca; empresas de exploração de areia retirada do Rio São Francisco; e da agricultura.

O trabalho de campo (a observação participante) aconteceu em todos os meses, de 19/07/2017 a 30/09/2018, variando minha estadia de três a dez dias dependendo dos acontecimentos que ocorriam ou dos convites que recebia. Também utilizei outros enfoques metodológicos: o questionário diagnóstico de Silva (2008) foi adaptado na pesquisa e respondido por 51 alunos da escola. Utilizou-se, também, uma entrevista – adaptada de Soares (2017) – com sete jovens, cinco adultos e dois idosos.

Ir até a Barra, encontrar os sujeitos e suas vivências, é fortalecer uma cultura existente naquele contexto social e histórico, seja ela tradicional (permanente, fixa e imutável) ou em diálogo com as produções e transformações socioculturais do mundo.

Escutar, descrever e analisar os jovens onde estão inseridos fornece mais do que pistas sobre eles, mas modos de ser e viver de uma população ribeirinha.

Identities and Power Relations

Segundo Hall (2015), a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais, ou seja, a identidade é formada, ao longo do tempo, por processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Assim, ela não é fixa, estável, permanente, tampouco homogênea, definitiva e acabada. Podemos dizer que ela é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo, é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente e inacabada (Silva, 2014).

Outro aspecto interessante é que as identidades são processos de conhecimento e reconhecimento diretamente ligado às lutas, disputas, reconhecimentos e alianças travadas no interior dos grupos sociais, um movimento de relações de poder: os de perto/longe; nós/eles; de dentro/fora; estabelecidos/*outsiders* ; iguais/diferentes.

As afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em relação com as afirmações sobre identidades, ela não é o que eu sou. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis. Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença são produzidas (Silva, 2014, p. 75).

Para Silva (2014), a identidade e a diferença não podem ser compreendidas, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. A identidade e a diferença têm que ser produzidas. Somos nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. Isso significa que sua definição está sujeita a vetores de força e a relações de

poder. Elas não são simplesmente definidas; são impostas, elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; são disputadas. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que o compõem. Portanto, A identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, encontrando-se proximidades e distanciamento em uma relação de poder.

Portanto, a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam as operações de incluir e excluir. Dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. Elas se traduzem em declarações sobre quem pertence e quem não pertence, quem está incluído e quem está excluído (Silva, 2014).

Nesse sentido Silva (2014), afirma que a identidade demarca fronteiras, faz distinções entre o que fica dentro e fora. Assim, as oposições não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa.

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza de classificações, desta maneira as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos, elas detêm o privilégio de classificar, e, portanto, significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (Silva, 2014).

Por consequência, a identidade e diferença têm que ser produzidas em um sistema de significado, uma cultura de afirmações e constatação de poder (os de dentro e os de fora; nós e eles; estabelecidos e *outsiders*). Mas não apenas estes, podemos também classificar os desequilíbrios de classe; gênero; raça, cor e etnia; religião; nacionalidade e territorialidade, assim, ela inclui e, ao mesmo tempo, exclui os sujeitos nos espaços sociais e da participação política, social, econômica e cultural.

Para Silva (2014), as relações de identidade e diferença ordenam-se em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam.

Para Woodward (2014), as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, produtos da experiência vivida e das coisas da vida cotidiana. É marcada pela diferença que é sustentada pela exclusão, mas parece que algumas destas são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares e momentos particulares.

Ou seja, os sujeitos partilham os locais e diversos aspectos da cultura em suas vidas cotidianas e com isso criam relações de poder, sistemas simbólicos e sustentam diferenças, construindo suas identidades, portanto elas não são unificadas. E por esse motivo pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas. Assim, todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e excluído (Woodward, 2014).

Nessa circunstância, as identidades e diferenças são construídas nas e pelas práticas sociais, nos discursos e imagens; nos comportamentos; roupas, acessórios e indumentárias; objetos de desejos e desprezo, ritos de passagem, rituais, cerimônias, eventos que são referendados, carregados de símbolos e significados de um indivíduo ou grupo de pessoas em um determinado local.

Nesse processo é importante afirmar que existe uma construção coletiva de identidade, nenhum indivíduo cresce sem a identificação com um ou vários grupos. Não há como duvidar que essas situações tenham profunda influência no desenvolvimento de autoimagem, da identidade e orgulho em relação aos semelhantes, mais do que isso,

elas influenciam nas práticas sociais dos ribeirinhos, vivenciadas no pedaço , com os sujeitos próximos que constituem a cultura local.

Portanto, os sujeitos experimentam maneiras de ser e estar no mundo a todo instante e, desse modo, com seus pares e os diferentes, constroem suas identidades: Nessas circunstâncias, múltiplas são as combinações possíveis: negro/branco; homem/mulher; urbano/rural/ribeirinho; católico/evangélico; entre tantas outras possibilidades e vivências que se realizam no cotidiano.

O Campo, os Sujeitos e suas Vivências

Para compreender os jovens ribeirinhos é necessário encontrá-los, para isso me aproximo do local construído na modernidade para institucionalização da infância e juventude, ou seja, a escola. Nesse percurso “navego” pelo distrito e chego a Escola Estadual Barra do Guaçu, um tempo/espço de aprendizagem do conhecimento formal, mas também, enquanto oportunidade de socialização e construção/afirmação das identidades dos jovens ribeirinhos, marcado pelo encontro com a diversidade cultural, corporal, geracional, entre outras.

Cheguei às 07:00 da manhã na escola, me apresentei na secretaria, disse que havia feito contato com o diretor anteriormente via e-mail e whatsapp, a auxiliar da secretaria solicitou que eu esperasse na sala de recepção que ela ligaria para o diretor, em seguida retornou comunicando que ele pediu para eu o esperar chegar.

O diretor chegou às 08:00, expliquei mais um pouco sobre a pesquisa, em seguida entregou-me os questionários respondidos. Depois das apresentações o diretor me deixou à vontade para andar pela escola, acompanhando e conversando com os alunos, professores e demais profissionais. Nos primeiros dias de campo na escola

deparei com um campeonato de futsal (06/2017). Essa estratégia foi adotada pelos professores como forma de repor os dias de paralisação reivindicando melhores condições salariais para a categoria. Fui avisado que como essa é uma situação recorrente na rede estadual, o campeonato também o é.

Chama a atenção a não compreensão da finalidade da Educação Física na escola. Nos argumentos de Sousa *et al.* (2005), essa tem o desafio de contribuir com uma educação compreendida como um processo de formação que valoriza não só o domínio de conhecimentos, competências e habilidades, sejam intelectuais ou motoras, mas também, a estética, política e ética dos alunos. Assim, não permiti ser tratada de maneira diferenciada pelas demais disciplinas.

Ao passar pelo pátio da escola e atravessar o portão para a quadra percebi que ela tinha acesso livre pela outra rua, sem nenhum tipo de portaria, o que a definiria como um equipamento que não é usado apenas pela escola, pois, qualquer pessoa tem livre acesso ao espaço, em qualquer horário do dia e da noite.

Neste instante, percebi que o diretor me “testava” (a entrada no campo possui “testes” que os nativos fazem com o pesquisador) como nos relatos de Geertz (2014) no qual o pesquisador só é aceito pela comunidade que está estudando quando resolve agir como eles e fugir da polícia em uma “briga de galo”.

Na manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente diferente para nós. Não só deixáramos de ser invisíveis, mas éramos agora o centro de todas as atenções, o objeto de um grande extravasamento de calor, interesse e, principalmente, de diversão (Geertz, 2014, p.187).

Todos os dias eu passava pela secretaria e solicitava minha entrada, mesmo com passagem liberada, sabendo que não existia portão na quadra e compreendendo que todos por lá já sabiam da minha existência e interesse. A respeito disso Magnani (2012), comenta que são os gestos de reciprocidade que indicam os ritos e selam a entrada no

pedaço. E que a partir disso, o pesquisador, tem um lugar, o pedaço, em condições de abordar com mais facilidade as pessoas que circulam por ali.

Além da falta do portão para a rua, a quadra está em condições precárias. É descoberta, esburacada e com telas cortadas, mas ainda assim, o jogo está acontecendo, apenas campeonato de futsal masculino. Em uma caixa de som da escola os alunos “D’js” colocam músicas em pen drives ou celulares (sempre funk e/ou sertanejo, preferência de música que aparece nas entrevistas e questionários).

Em relação ao manuseio do equipamento de som durante o campeonato são os próprios alunos que definem as músicas, eles trazem mixagens de risos, gritos e outros efeitos que são colocados em cobranças de pênaltis, em algumas jogadas “bizarrras” ou no encerramento de cada partida, com provocações e zoações (zueira). De acordo com estudos de Pereira (2018),

o que os jovens intitulavam como zoeira, protagonizada principalmente pelos meninos, mostrou-se como aspecto fundamental das relações que ali aconteciam. De certo modo, a ideia do zoar pode ser definida como uma atividade lúdica e jocosa de, ao mesmo tempo, provocar riso e chamar atenção para si, marcada por brincadeiras e gozações constantes e, em alguns momentos, por rivalidade que se acirra e chegam próximo ao conflito declarado (p.164).

Esse mesmo assunto é comentando por Kanitz, Campos e Ude (2011), sendo a zoação estabelecida em zonas da vida pessoal e grupal por meio de fronteiras que configuram relações dialógicas atravessadas por distintos conteúdos, como a violência, o lúdico, a masculinidade, a sexualidade, a corporeidade, a fidelidade ao grupo, a demarcação de território, entre outros elementos constitutivos de uma realidade. Assim, Kanitz, Campo e Ude (2011, p. 132), afirmam que “não há uma única possibilidade de ser jovem e, conseqüentemente, de se zoar. São múltiplas manifestações que caracterizam estilos de vida diferenciados e diversos”.

Enquanto acontece um jogo dos meninos menores, no fundo da quadra os maiores estão aquecendo, todos uniformizados com camisas de times da Espanha,

Inglaterra e Argentina, percebo uma movimentação que lembra em muito os jogadores profissionais, pequenas corridas, saltos e aproximações apenas com os companheiros de time, um time não olha para o outro, no campo de jogo são adversários e um eliminará o outro.

Na pesquisa de Carrano (2003), o autor comenta que muitos jovens vivem uma corporeidade culturalmente lúdica e gregária, que são fortemente marcados pela influência das mercadorias culturais globais (como as camisas dos times). As identidades são efetivamente marcadas por referências múltiplas e complexas, o que não quer dizer que elas tendam necessariamente à pluralidade. Assim, a experiência social contemporânea fez da identidade juvenil algo profundamente associado ao hedonismo, “seja na forma do consumo individual do tempo livre ou ainda nas práticas em que o sentimento de pertencimento a um grupo dá a tônica dos relacionamentos” (Carrano, 2003, p.109).

Os “atletas” (era assim que eles se sentiam, se identificando com jogadores profissionais), que “aqueciam”, se retiram ao término da partida dos menores, correm para o vestiário e retornam para seu jogo, estão com outras camisas, ou seja, eles tinham uniformes para o aquecimento e outro para o jogo, reproduzindo os campeonatos profissionais transmitidos pelos meios de comunicação.

É nítido aqui a influência das mídias, quando eles transmitem os grandes jogos pelo mundo afora e a penetração destes em todas as localidades. Os estudos de Spaggiari; Chiquetto e Piva (2018), também trazem essa observação:

O futebol é conhecido por suas grandes equipes e jogadores, por seus lances espetaculares e jogadas inesperadas, tal como se enfatiza cotidianamente nas grandes mídias. Todos os dias fala-se sobre os acontecimentos mais recentes e importantes do mundo futebolístico, seja nos jornais, na internet ou na TV. O jogo aparece como sendo de primeira importância, na condição de produto de entretenimento para torcedores ansiosos por quaisquer informações sobre seus times e jogadores prediletos. Para aqueles – muitos – que se aventuram a jogar bola, o futebol aparece, também, como uma prática de lazer, um modo

de se divertir, de se passar o tempo desfrutando de uma atividade esportiva, movendo o corpo ininterruptamente por entre as linhas do campo e submergindo neste jogo absolutamente absorvente (Spaggiari; Chiquetto; Piva, 2018, p.57).

Como o futebol é conhecido por seus grandes atletas e times, seus produtos (fotos, eventos, camisas, shorts e outros) atravessam as barreiras das suas cidades e tornam-se desejos de consumo, principalmente para os jovens, participando do processo de identidade desses, uma relação de pertencimento e apropriação cultural que se constitui na participação das práticas culturais, seja jogando, assistindo, conversando sobre, ou consumindo os produtos dos times/jogos.

A música para. Os jogadores entram na quadra. Eu e um dos professores tiramos fotos de cada time, em seguida os jogadores se reúnem separadamente, ao centro da quadra fazem uma oração e seu “grito de guerra”. Vai iniciar a partida, a música volta a ficar alta, a torcida se comporta como nos grandes estádios, é possível ouvir “hei juiz vai tomar no c...”; “ao...ao...ao...meia dúzia de bun...” “eu acredito...” um dos jogadores faz gol, comemora com o sinal da Santa Cruz e em seguida manda coração para a torcida. Mais uma vez os gestos e falas dos sujeitos estão impregnados de ações vistas nos grandes estádios e competições do país.

A turma do 3º ano ganha de 6X1 da turma do 2º ano. Ao fim do jogo os alunos vencedores e sua torcida vão beber refrigerantes na arquibancada, as garrafas de plástico passam de mão em mão. Já os estudantes derrotados saem chateados, mas não houve nenhuma briga ou discussão. No outro jogo temos um ritual muito parecido, o que diferencia é que a turma do 1º ano que vai jogar contra a outra turma do 2º ano (que não possui uniforme), mas podemos notar os movimentos repetidos de aquecimento, oração, “grito de guerra”, comemorações de gols, poses para foto, tudo lembrando os jogadores transmitidos pelos meios de comunicação.

Pode-se observar que os jogadores e torcedores seguem padrões de comportamentos, atitudes e gestos que são vistos e repetidos em todos os cantos do país onde ocorre o fenômeno futebolístico. Dayrell (2016), aponta em seu estudo que as dimensões do consumo e da produção cultural, podem estar associadas aos meios de comunicação de massa, se apresentam como campo social aglutinador dos sentidos existenciais da juventude, proporcionando também a formação de novas identidades.

No outro dia às 08:00 da manhã a arquibancada já está lotada de jovens para assistir as finais do campeonato. Os alunos do 3º ano estão assistindo ao jogo dos menores, os jogadores dessa turma estão com a camisa cor-de-rosa do time do Real Madri – Espanha, de manga comprida (mesmo com todo calor que faz no local), de calça jeans ou tãtel e bonés, um estilo que marca as identidades e os jovens de um mesmo grupo e que pode ser modos de diferenciar de outros.

Nesse dia não tem a caixa de som da escola, mas um aluno trouxe a sua, um pouco menor e com menos volume, mas dava para agitar as pessoas da arquibancada, as músicas eram as mesmas e ainda tinha o “rap” (um gosto musical do dono da caixa, que se apresenta nesse contexto, apenas por ser ele o dono do equipamento, uma possibilidade de mostrar/transformar/criar sua identidade).

Dayrell (2016), aponta que em seus estudos os estilos musicais se colocam como um dos poucos espaços onde os jovens podem exercer o direito de escolhas, elaborando modos de vida distintos e ampliando o leque das experiências vividas. Segundo ele, os jovens enfatizavam que a adesão aos estilos gera uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, se constituíam como produtores de sociabilidades, possibilitando relações solidárias e a riqueza da descoberta e do encontro com os outros. Portanto, os jovens, também, constroem suas identidades tendo como referência seus grupos de

pertencimento, vinculados a redes de gostos e vivências, estilos de roupas e músicas, maneiras de ocupar os espaços e se relacionar.

Na quadra de jogo, observa-se o mesmo ritual, ao iniciar o segundo tempo de uma partida que está acontecendo (dos alunos menores), os alunos do 3º ano vão ao vestiário, colocam shorts, e sobem para aquecer, em seguida retornam ao vestiário mudam a camisa (colocam a preta do Real Madri, também de manga comprida) e já com o time do 2º ano retornam juntos. Pose para as fotos, na oração os dois times juntos e intercalados um de cada time, “grito de guerra”.

O time do 3º ano é campeão, com vários gols, o momento seguinte foi a entrega de troféus, primeiro e segundo colocado e foto oficial dos times. Em seguida todos foram para a porta da escola, esperar o tempo passar, uns conversavam, outros beijavam, música alta e refrigerante. O futebol foi a desculpa para esse encontro e socialização, provavelmente sem ele estariam todos em casa.

Assim, o esporte – e em especial o futebol – não pode ser compreendido como uma atividade que ocupa somente um “tempo social para si”, ou apenas como uma diversão ou entretenimento. Na verdade, quando se observa o jogo “de perto e de dentro”, o que se vê são relações de brincadeira e compromisso, que mobilizam uma miríade de significados e identidades, em relação que só podem se realizar em coletivo. Falar de futebol é, antes de tudo, dizer de relações de alteridade que são carregadas de sentimentos e ideias, e que servem a motivações diversas (Spaggiari; Chiquetto; Piva, 2018), são técnicas esportivas (do jogo em si), redes de sociabilidade e torcidas, espaços/tempos sociais (antes, durante e depois dos jogos), modos de ser e viver na cultura local em diálogo com o global.

Reconheço que no campeonato escolar as ações dos sujeitos (jogadores, torcedores e professores envolvidos) estão impregnadas das situações que ocorrem a cada jogo de futebol televisionado e que mesmos imersos em contextos globalizados eles apropriam e transformam a cultura do pedaço, ajudando na construção das identidades dos jovens ribeirinhos.

A cada ano o campeonato possui novos elementos presentes mundialmente no universo futebolístico, sendo incorporado nas ações desses indivíduos, seja no consumo de produtos, imagens, gestos. Perseguindo minhas inquietações investigo outro campeonato escolar que aconteceu dos dias 16/07 a 20/07/2018. No primeiro dia a arquibancada estava cheia às 07:00, o equipamento de som ainda não estava montado e os professores estavam colocando as redes nas traves.

O campeonato desse ano possui times femininos. No primeiro dia de competições vejo que elas não têm a mesma organização dos rapazes, jogam descalças, sem uniforme (usam coletes), uma está de calça jeans e mais duas de blusa amarrada na cintura. No final do campeonato elas conseguem se organizar melhor, usam uniformes dos rapazes ou a camisa da turma de terceiro ano e todas de tênis

Nessa comunidade, como em outras partes do nosso país, a cultura futebolística está muito associada ao masculino (quase como uma obrigação para a construção de sua identidade) deixando as mulheres à margem dessa. Por isso não precisamos esperar delas uma organização para essas atividades. Nesse contexto, elas estão sendo “levadas” a construção de uma identidade, que a todo instante se revela em um universo masculino. As meninas se veem na condição de afirmar suas características femininas e ao mesmo tempo apropriar dos gestos e atitudes tidas como de homem se quiserem ter algum reconhecimento nesse esporte.

Esse apontamento caminha no mesmo sentido de Louro (2001, p. 48), quando comenta sobre “aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro e, usualmente, experimentam práticas de discriminação ou subordinação”, neste sentido compreendo também as situações com as mulheres que não se encaixam em um “modelo” sociocultural. Se as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Os estudos de Silva (2008), apontam para uma associação do esporte a uma identidade masculina e que esta varia de acordo com a modalidade esportiva. O futebol, em sua pesquisa, era um esporte considerado desse grupo e as imagens dos jogadores, independentemente de serem mulheres ou homens, era associado à masculinidade. Não era, porém, a qualquer homem que o esporte se associava, mas à imagem de um sujeito forte, violento e vitorioso. Essas reproduziam e produziam simultaneamente identidades esportivas e de gênero, determinando, em grande parte, as relações estabelecidas entre os jogadores.

Podemos notar que o campeonato escolar está impregnado de ações, movimentos e falas incorporadas por tempos/espacos de relações de gênero, de poder e construção de identidades construídas no diálogo da escola com a sociedade, a mídia e outros campos sociais, como diz Louro (2001):

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras...E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposição externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens – reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente (Louro, 2001, p.61).

Essa construção é o que justifica uma melhor organização dos times masculinos, possuem uniformes, um “treinador” – um aluno que jogava ou não, que instrui o restante do time e realiza as substituições -, vasilha com água e copos para os jogadores, bolas para aquecimento. Alguns repetem os uniformes do ano anterior (Vélez Sarsfield e River Plate, da Argentina; e Real Madrid da Espanha) e têm outros times, como é o caso do Flamengo (Brasil) e Manchester City (da Inglaterra).

Em um dos times havia dois integrantes que a cada dia mudavam a cor dos seus cabelos (eles fazem a semifinal com cabelos descoloridos e a final de rosa) (se lembrarmos dos acontecimentos da copa do mundo de futebol de 2018, o jogador considerado o craque do time brasileiro – Neymar – também realizou isso, só que com outras cores e estilos de corte). Aqui é possível reconhecer mais uma vez, o poder de influência da mídia, confirmando os dizeres de Pires e Neves (2002):

Na sociedade contemporânea, uma manifestação específica da cultura de movimento vem se constituindo na sua face mais visível e principal referência, seja enquanto prática corporal propriamente dita seja pelos princípios e valores que expressa e ajuda a consolidar. Obviamente, estamos nos referindo ao esporte, essa instituição social que já foi considerada o maior fenômeno cultural do século XX e que, seguramente, tende a tornar-se ainda mais importante, em vista das múltiplas possibilidades para sua difusão, espetacularização e consumo simbólico em âmbito global, a partir do advento das novas tecnologias a serviço dos meios de comunicação de massa (Pires; Neves, 2002, p.53).

Em 2018, houve um envolvimento maior dos estudantes da escola no campeonato, mas não como vontade de jogar e sim por troca de pontos, pois os professores de Educação Física forçaram a participação: quem não jogava deveria fazer um relatório dos jogos, ajudar na arbitragem ou ser mesário, como aconteceu com o Enzo, que além de jogar, também participou das outras funções. Mas na maioria das vezes as meninas ficavam com a missão da mesa e não participavam do “jogar bola” como diz André (depoimento, 19/05/2018).

Outro detalhe que passou despercebido no primeiro campeonato é que os jogos tinham que ser finalizados às 10:00, segundo o professor “se não o sol castiga”. No término dos jogos e do horário da merenda todos vão para o mercado ao lado da escola para comprar um refrigerante e realizar a “resenha” (conversar, namorar, discutir sobre o campeonato, ouvir música), isso quando a mesma não acontece dentro da escola, também a base de muito refrigerante, algo percebido e comentado no campeonato do ano passado, ou seja, faz parte do ritual futebolístico local.

Esse ritual da conversa e confraternização após os jogos também é observada nos estudos de Spaggiari; Chiquetto; Piva (2018). Segundo eles são nos “bares” que se realizam as confraternizações após os jogos, ali, bebe-se e joga-se muita conversa fora. É no bar que toda a tensão criada durante a partida se relaxa na forma de zombarias e risadas. O comum, nesse universo futebolístico, é que após um jogo a equipe sempre vá para um bar depois de todos os certames disputados.

Podemos notar que essa escola oferece (intencionalmente ou não) no campeonato, um tempo/espço para ampliar a socialização, o contato com os diferentes e com os iguais, ou seja com a construção das identidades dos jovens ribeirinhos, que como demonstrada naquele momento está muito vinculada aos meios de comunicação, quando eles reproduzem os modos de vestir, agir e suas preferências musicais são compatíveis com as de outros locais do globo.

Outro ponto que chama a atenção, além do campeonato, é que esses jovens estão dentro da escola conectados ao celular o tempo inteiro: conversando, escutando músicas, jogando, realizando pesquisas...um diálogo com as novas tecnologias.

É importante destacar que a escola possui rede Wi-Fi, mas os alunos não têm acesso à senha (isso não faz diferença, pois a todo o momento os jovens estão clicando

ao celular). De acordo com Silveira e Fortes (2019), as mídias digitais (internet, telefonia móvel, jogos de computador, televisão interativa) se constituem em mais uma possibilidade de desfrutar a vida cotidiana, de aprender, de construir identidade e de compreender e se relacionar com o mundo.

É um aspecto indispensável no tempo escolar e de lazer dos jovens na contemporaneidade. Podemos observar isso nos comentários dos jovens: “Não desconecto do celular, gosto de olhar no Facebook e jogar bastante no computador” (depoimento André, 19/05/2018), “eu sou doente por internet, eu gosto muito, eu utilizo as redes sociais pra conversar com minha família, com minha mãe, com meus irmãos, às vezes tem alguma coisa importante que eu quero mostrar... eu posteí” (depoimento Amanda, 25/01/2018), “adoro mexer na internet, principalmente nas redes sociais” (depoimento Pedro, 19/05/2018). Porém, Silveira e Fortes (2019), comentam que:

Medo, preocupação, proibição, controle e vigilância são categorias marcantes na relação entre os adultos e as práticas digitais dos adolescentes. Escola, projetos sociais, administradores, pais, professores e educadores (não todos, obviamente, mas muitos desses sujeitos e instituições) têm insistido na negação ou na suposta proteção dos direitos dos adolescentes. Seja a negação do acesso ao Wi-Fi da escola, a tentativa de proibição de certas práticas digitais até mesmo no tempo de recreio e almoço, a restrição de tempo em casa (muitas vezes não acompanha da reflexão sobre a qualidade do uso), quando não a chantagem (obedecer a tal ordem ou ficar sem os dispositivos digitais; fazer as coisas corretamente ou ficar proibido de usar as mídias digitais) ou o tratamento das mídias como um prêmio (ou punição) ao bom (mau) comportamento. (Apresentar boas notas, cumprir as obrigações, para ficar autorizado a ter acesso às mídias; ao cometer um erro, ficar afastado de práticas digitais por tanto tempo), a pesquisa desvelou uma série de ações de adultos cujo sentido é interditar as práticas digitais dos adolescentes sem um correspondente diálogo sobre os motivos e o sentido de tais restrições (Silveira e Fortes, 2019, p.66).

Esse medo e receio das novas tecnologias é observado no depoimento de Welton e Alana que também questionam a relação da juventude com os meios de comunicação, ora como fenômeno que ajuda na comunicação, ora como algo que pode afastar as pessoas, prejudicando as relações pessoais:

os jovens de hoje estão mais interligados, mais conectados, mais conectados com a internet, com o mundo das T.I.'s, mas em compensação vem uns pontos negativos que são essa questão da violência, do acesso à droga, o acesso a todo tipo de violência que advém das tecnologias... Então o que existe de bom também na atualidade nossa é a comunicação, a comunicação é muito mais fácil hoje, no entanto a comunicação ela, às vezes, fere algumas coisas, como por exemplo, sentam quatro jovens para ir a um bar tomar um refrigerante, os quatro jovens estão com telefone, e às vezes um diálogo é respondido via WhatsApp (Depoimento Welton, 18/07/2018).

A tecnologia tá aí, ótimo a tecnologia, mas também tirou esse lado criativo dos jovens, aquela liberdade, você vê que muitas vezes eu vejo aqui na escola tão os meninos todos calados aqui no pátio, mas conversando através do Whatsapp, cadê aquela conversa cara a cara (Depoimento Alana, 18/05/2018).

Condenar, proibir, negar, dificultar ou ignorar as práticas digitais dos jovens, na escola ou fora dela, parece um caminho equivocado na formação de sujeitos que já se encontram intensa e inevitavelmente imersos na cultura digital (Silveira e Fortes, 2019). Principalmente porque vivemos em um mundo globalizado onde as tecnologias representam forma de estar no mundo, de se comunicar com diferentes sujeitos, divulgar e assistir vídeos, escutar músicas, produzir uma identidade, influenciar e ser influenciado.

Para Schwartz e Moreira (2007), a internet representa um fenômeno cada vez mais presente como elemento de trabalho, de pesquisa, de educação e lazer. Nestes termos ela contribui para propagar as múltiplas formas de identidades, contribuindo para fortalecer alguns estilos e negar ou suprimir outros.

O questionário apontou que todos os jovens do 2º ano do ensino médio da escola têm acesso a computador/celular/tablet/internet, ficando de 1 hora a 20 horas conectados por dia, outros comentam que ficam: “o dia todo”; “muito pouco”; “quando posso”; “o tempo todo”. Utilizando diversas ferramentas tais como: WhatsApp; Facebook; Instagram; Jogos; YouTube; sites escolares; Snapchat; Netflix; Google; Brainly.

Para Schwartz e Moreira (2007), as possibilidades de utilização do ambiente virtual, no contexto do lazer, são infinitas e variadas, dependendo da expectativa de cada usuário, assim como do significado pessoal a esse ambiente atribuído. Isto posto, coloca a possibilidade das vivências de lazer com as tecnologias, ampliando o repertório de atividades, encontros, trocas, aproximando os sujeitos de diferentes locais e constituindo uma rede de proximidades, o que ajuda na constituição e transformação das identidades dos jovens ribeirinhos.

Silveira e Fortes (2019, p.62), identificaram que “os adolescentes transitam incessantemente pelas mídias digitais, fazendo delas parte indissociável de seu cotidiano. No centro das práticas digitais desses sujeitos estão o lazer, o lúdico e a sociabilidade, três elementos intimamente relacionados”. Segundo eles:

Como manifestação de lazer que aproxima os adolescentes presencial e virtualmente, práticas digitais on-line e off-line estão absolutamente conectadas e inter-relacionadas, especialmente quando adolescentes estão próximos fisicamente uns dos outros e ao mesmo tempo acessando as mídias digitais. Nessas situações, pode-se falar de uma sociabilidade ao redor das práticas digitais, uma das características mais marcantes observadas. Foi raríssimo ver algum adolescente sozinho nos pátios, quadras, corredores e salas da escola. Em praticamente todos os espaços da escola pesquisada, os celulares faziam parte das cenas observadas, mas não era os aparelhos em si a atração das práticas digitais dos adolescentes; eles eram, no máximo, mediadores das conversas. Fosse à sala de aula ouvindo música no celular, deitados nos corredores contando casos de crushes e de site de redes sociais ou simplesmente próximos uns dos outros, jogando em celulares, o ponto de partida era o interesse comum entre eles, e o resultado era uma interação intensa mediada pelo prazer de estar juntos (Silveira e Fortes, 2019, p.63).

Silveira e Fortes (2019), ainda apontam que os jovens, de suas pesquisas, não deixavam de realizar outras vivências de lazer por causa das práticas digitais. Ao contrário, as práticas digitais ou eram atividades que intensificavam e enriqueciam os encontros presenciais (jogar juntos, conversar e fofocar, compartilhar segredos, registrar momentos importantes de sua vida etc.) ou era o que lhes restavam, uma vez impossibilitados de encontrar seus pares e/ou de fazer atividades que apreciavam

(cinema, festas, esporte, dança, passeio etc.). Ou seja, mais que jovens conectados, são brincantes digitais, sujeitos que incorporam as novas tecnologias na perspectiva de experiências lúdicas (Silveira e Fortes, 2019).

Ou seja, estar conectado é pertencer a uma “tribo” local (sua, os chegados) e global (que tem os mesmos gostos, porém estão distantes), assistindo e compartilhando os mesmos vídeos e músicas, jogando, namorando, marcando encontros, discutindo as roupas e indumentárias da saída, zoando, trocando informações escolares...desta maneira contribuindo para a formação das identidades.

Momento de Finalizar

Podemos notar que na escola da Barra dois elementos são marcantes durante o tempo de investigação: o futebol e o celular – aparecem enquanto práticas e vivências que atuam na constituição das identidades dos jovens.

É visível que os jovens no espaço escolar da Barra constroem suas identidades, seja com seus pares ou com outros sujeitos (professores e funcionários) que por ali circulam. Esses jovens ampliam por meio do campeonato uma socialização ainda maior e mais intensa que normalmente ocorre, aproveitam para conversar, escutar música, namorar, expor seus estilos musicais, de roupas e indumentárias, marcando suas relações de poder: quem joga e não joga, quem assiste, quem pode ser mesário, quem pode colocar/escolher música, quem namora, quais as roupas e indumentárias são permitidas ou proibidas para cada grupo de pertencimento.

É lá que eles encontram com outros (iguais e diferentes), reconhecem formas de estar no mundo, consomem e rejeitam algumas tendências, se abrem para um “novo

mundo” de possibilidades e desafios, realizam uma imersão em culturas plurais e diversificadas.

Nesse espaço eles apropriam das novas tecnologias para dialogar com outros sujeitos, são influenciados pela forma de vestir (uniformes de times nacionais e internacionais, roupas de marca, camisas das salas); os gestos padronizados do esporte de alto rendimento (jogadores, arbitragem e torcedores); pelas transformações do corpo (corte de cabelo, tatuagem, brinco, piercing), impulsionados pelas mídias (principalmente televisão e internet).

Os diversos espaços nos quais os jovens se inserem, entre eles a escola, assumem papéis fundamentais para construção de suas identidades. Não podemos nos esquecer de que esses locais possibilitam a convivência com a diversidade na qual as fases da vida, e porque não a juventude, tem a possibilidade de se descobrir diferente dos outros e, principalmente, aprender a conviver com essas diferenças, ser homem/mulher; hetero/homo; negro/branco; católico/evangélico, entre tantas outras possibilidades, diversidades e entrelaçamentos. É na relação com o outro que aprendemos a reconhecer as nossas próprias limitações, a entender que não nos bastamos e que a assimetria nos enriquece, possibilita aprendizagem e forma de construção da identidade.

REFERÊNCIAS

- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.180p.
- DAYRELL, Juarez. A trajetória do observatório da juventude da UFMG. *In*: DAYRELL, Juarez. (Org.) **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do observatório da juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza, 2016. p.17-78.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John I. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 224 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014. 215 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 58p.

KANITZ, Roberto; CAMPOS, Túlio; UDE, Walter. Zoação, juventude e masculinidade. *In*: ISAYAMA, Helder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. (Orgs.) **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 125-144.

LOURO, Guacira Louro. **Gênero, sexualidade e educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, 179p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetória de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro nome, 2012. 349 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, **Revista brasileira de Ciências Sociais**, 2002, v.17, n.49. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 05 maio 2025

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003. p. 194.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Tempos de escola: lazeres juvenis e controle disciplinar. *In*: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. (Orgs.) **Lazer de perto e de dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições SESC, 2018. p.162-181.

PIRES, Giovani De Lorenzi; NEVES, Annabel das. O trato com o conhecimento esporte na formação em educação física: possibilidades para a sua transformação didático metodológica. *In*: KUNZ, E. (Org) **Didática da educação física 2**. Ijuí: Unijuí, 2002. p 53-98.

SCHWARTZ, Gisele Maria; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho. Ambiente virtual e o lazer. *In*: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p. 149-170.

SILVA, Leonardo Toledo. **Meninas e meninos da Serra**: as oficinas de esporte/lazer do programa Agente Jovem de desenvolvimento social e humano no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte. Monografia apresentada ao curso de Especialização da EEEFTOUFGM. Belo Horizonte, 2008, p 72.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: vozes, 2014. p.73-102.

SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco da; FORTES, Rafael. Letramento digital: entre a apropriação e proibição das práticas digitais de lazer na formação de adolescentes. *In*:

GOMES, Christianne Luce; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira (Orgs.) **Lazer, práticas sociais e mediação cultural**. Campinas: Autores e associados, 2019. p. 55-74.

SOARES, Khellen Cristina Pires. **Cultura e lazer na vida cotidiana do povo Akwẽ-Xerente**. 2017. 171 f. Tese (Doutorado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa; BRANDÃO, Maria Gláucia Costa; ALVES, Vania de Fátima Noronha. **Educação Física - Proposta Curricular** - Ensino Fundamental. 1. ed. Belo Horizonte: SEEMG, 2005. v. 1. 61p.

SPAGGIARI, Enrico; CHIQUETTO, Rodrigo Valentim; PIVA, Raphael. Jogar bola, rodar e tirar um lazer: amadores em São Paulo (SP) e Manaus (AM). *In*: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. (Org.) **Lazer de perto e de dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições SESC, 2018. p.56-77.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis: vozes, 2014. p.7-72.

Endereço do Autor:

Leonardo Toledo Silva
Endereço eletrônico: leotoledos@gmail.com